

CAVALARIA NO NORDESTE

PALESTRA REALIZADA POR OCASIÃO DA FESTA DE ANIVERSÁRIO DO 7º ESQ. REC. MEC — RECIFE, EM 31 DE JANEIRO DE 1955

Cel. A. FRANCO FERREIRA,
do E.M./Z.M.N.

RAZÃO DE SER DA PALESTRA

Ora... direis! Mais uma palestra sobre Cavalaria? Mais uma hora de tempo perdido a ouvir as histórias dos "Homens maus" que tentam detratir as virtudes da Arma, apontando fatos e faltas, promovendo datas para a proclamação da extinção e do desaparecimento da nobre Arma dos espaços livres, e, logo em seguida, ouvir decantar, em hinos de heroísmo e de abnegação, a vitória e a sobrevivência da histórica arma do movimento, emergindo soberba e soberana de suas próprias deficiências, de seus defeitos, ou de que fôr...

Não! Não há de ser assim que abordaremos o assunto proposto, qual seja o de "Cavalaria no Nordeste". Não será assim, pelo menos, para que sejamos diferentes... já que somos de Cavalaria...

Diremos ainda que não faremos histórico da Cavalaria, porque muito pouco sabemos sobre Cavalaria no Nordeste antes da famosa ala Motomecanizada, do então Major Leo Costa, o precursor dos Blindados no Nordeste, como declarou em 1941, quando, com sua gente, embarcou na Capital Federal para esta Região, como tropa especial da 7ª D.I., então criada no "saliente", para aparar as ameaças de V. Rommel, no Norte da África.

Esta palestra se explica, de um lado, pela nimia gentileza do Comandante desta Unidade, o Cap. Di-

nalmo Domingos de Souza, que, dando prova de seu cavalheirismo verdadeiramente medieval, veio nos convidar para fazê-la, nesta data solene do aniversário do brioso 7º Esq. Rec. Mec.; por outro lado, porque, dos pormenores históricos desta Unidade, sabemos apenas o seu próximo parentesco com aquela famosa ala, e porque não haja tempo para revê-lo e esmiuçá-lo, e dêle deduzir especificamente o indiscutível futuro heróico que há de estar reservado para esta Unidade padrão de Cavalaria moderna, de tão refinado "pedigree", contentámo-nos com o tentar proclamar as generalidades do destino glorioso que o Nordeste Brasileiro parece reservar aos êmulos de Andrade Neves e de Osório.

No mais ligeiro estudo que fôr feito das características e condições de vida do Nordeste, sobressaem conclusões relativas à necessidade da existência de uma Cavalaria no N.E., não tanto da Cavalaria clássica, tendo no cavalo a arma principal capaz de fornecer movimento rápido, flexível, duradouro e preciso, como nos ensinava, na memorável e inesquecível Escola de Cavalaria, o insigne mestre, Cmt. Colln, transmitindo-nos os ensinamentos das duras lições dos episódios gloriosos da Primeira Grande Guerra que ilustraram as já famosas e históricas Unidades e Grandes Unidades da Cavalaria Francesa, e apontando-nos o anacronismo das ações de cho-

que, contra o desmedido acréscimo da potência de fogo verificada naquela época; mas antes, na moderna concepção da Potência de Fogo protegida e móvel, que anima os catafractários do século XX, a quererem repetir, com os seus cavalos-fôrça blindados, as epopéias dos Gengis-Khan, dos La Salle, dos Murat, dos Blucher, dos Osório ou dos Andrade Neves, ainda que um consciente desvanecido de um sonho de glórias para a Arma dos movimentos rápidos, ou na sã loucura de querer morrer pela honra do Pavilhão e grandeza da Pátria.

Óbvio seria esclarecer que, ao abordarmos nesta palestra, o assunto "Cavalaria no Nordeste", estaremos apresentando uma tese absolutamente pessoal, devendo, as opiniões aqui emitidas e as conclusões por ventura atingidas, representar apenas o fruto de locuções, pensamentos e devaneios de um velho Coronel de Cavalaria com alguns decênios de "hipomóvel" no Rio Grande, e, no momento, desempenhando funções de E.M., no Nordeste brasileiro.

Por tudo isso, devemos, antes de prosseguir e penetrar no assunto proposto, apresentar desculpas aos prezados audientes, camaradas mais jovens da Arma ligeira, distintos companheiros de trabalho de E.M., Chefes que, com a bondade de suas augustas presenças, se dignam emprestar solenidade a esta reunião; militares e amigos pertencentes às outras Armas e aos Serviços, que nos prestigiam com a paciente escuta de uma valdosa manifestação de exagerado "Esprit de Corps"; civis que nos honram com suas cavalheirescas atenções, suportando o matraquear de conceitos técnicos, duros de ouvir sem o açúcarado de algumas figuras de retórica que os hábitos militares prescrevem.

A estes últimos, particularmente, pedimos a atenção das seguintes palavras sobre a Guerra Total, expendidas pelo Ten.-Cel. José Maria Menendez, do Exército Argentino, no seu livro, "El Plan de Guerra y su Comprobación Histórica", devida-

mente adaptadas ao caso nacional, a saber:

"Por isso (os horrores da Guerra Total) a glória de defender a Pátria, cabe agora a todos dentro de suas respectivas esferas de ação, a obrigação de lutar tanto na frente, como no interior, com armas ou sem elas, alcança, presentemente a todos: Forças Armadas e Povo."

ASPECTOS HISTÓRICOS DA DEFESA DO NORDESTE

A História nos leva a concluir que quatro foram os caminhos da penetração no território da Pátria em formação, no decorrer dos séculos XVI a XVIII, a saber:

S. Luiz do Maranhão;
Recife (aliás Olinda);
Salvador;
Santos (ou melhor S. Vicente).

Não nos anima a idéia sequer, de pensar em comparar a extensão das bandeiras Vicentinas com as entradas no N. e N.E., ainda que ambas tenham concorrido para a edificação desta sublime unidade nacional, mas em assim procedendo, não estaremos fazendo mais do que salientar as enormes dificuldades que os desbravadores do N.E. terão encontrado, em relação aos Bandeirantes do Sul.

No Sul, uma vez galgada a muralha da Serra do Mar, o Bandeirante encontrava o altiplano Paulista, com rios de longo curso escoando para Oeste e, particularmente o romancoso Tieté, a desaguar no Paraná, que, subido, levava às alturas das cabeceiras do Araguaia e, portanto, ao coração da terra desbravada, enquanto que a jusante, pelos seus curtos afluentes da margem Oeste, conduzia ao nascedouro dos tributários do plácido Paraguai, dolentemente espriado, nas suas cheias periódicas, pelas planícies do Pantanal e permitindo fácil acesso aos longínquos pousos de Corumbá, Cuiabá, Villa Rica e Príncipe da Beira.

O explorador do N.E., ao contrário, começava tendo que vencer a correnteza dos rios da chamada Bacia do Nordeste, cuja característica principal é a periodicidade de

suas águas. Onde as águas escasseavam instalavam-se "Freiras" ou "Depósitos", abastecidos durante as cheias e capazes de suprir aos que se aventuravam mais para o Oeste.

Por outro lado, no Sul, a partir mesmo do S. Francisco, os sonhos de Esmeraldas concretizaram Bandeiras fortes como exércitos, e o furo de ouro deu lugar ao grande Estado central de Minas Gerais, com a reunião de povos tanto vindos de S. Paulo, águas acima do Paraná e Paranaíba, como vindos da Bahia, subindo as barrentas águas do Rio da Unidade Nacional.

Então as Bandeiras do Sul corriam atrás de objetivos compensadores aos enormes percalços porque passavam. No N.E. o caso era bem diverso. O explorador sentia que, à medida que se afastava da costa, rareavam-lhe os meios de subsistência que a exuberância da zona da Mata lhe oferecia; no Agreste, nem os favores da sombra, a natureza lhe emprestava, e no Sertão, na época da estiagem, tudo era desolador, agressivo, inhóspito, inimigo. Não havia, ademais, no N.E. a tentação que o Sul oferecia aos que nele se embrenhavam. Os próprios índios, desalojados das matas praiéiras, emigraram profundamente para o interior, indo buscar, no vale do Tocantins, o precioso líquido de que precisavam para viver e que o Planalto da Borborema por vezes lhes negava.

Não é pois de admirar, fôssem cada vez mais profundas as Bandeiras do Sul, enquanto que curtas e trabalhosas foram as entradas no N.E., mas também não se pode deixar de admirar a tenacidade daqueles homens heróicos que, partindo do Recife, percorreram a costa até Amaração ao N., e até Penedo ao S., que atingiram a Serra do Ibiapaba, atravessando a Paraíba; que beberam as águas do nascedouro do Rio Canindé, no Piauí, depois de haverem sofrido sede no sertão pernambucano; sem mencionar que a Cachoeira de Paulo Afonso foi vista pelos Nortistas, antes mesmo de ser conhecida pelos Baianos, de vez que éstos preferiram

varar a pé o sertão de sua terra, por Feira de Sant'Ana, em busca das riquezas da Chapada Diamantina, a qual no seu regaço abriga o fértil Vale do S. Francisco.

Eis, portanto, uma primeira consideração histórica a ser anotada, quando se trata de estudar a defesa do N.E. — crescente agressividade do terreno e das condições de vida, à medida que se vai afastando da costa para o interior. Essa consideração ficou amplamente comprovada durante a ocupação Batava, pois trinta anos de guerra e investidas, permitiram-lhes apenas ocupar, numa orla costeira de cerca de 900 km, raros pontos situados a uma centena de quilômetros do mar.

Três séculos mais tarde, as forças mecanizadas de V. Rommel corriam vitoriosas nas terras arenosas da África, e a indecisa França Colonial, obediente a Vichy, constituía verdadeira ameaça armada, ao chamado "Estreito de Dakar", contra o nosso saliente. Por outro lado, tinham os EE.UU. todo o interesse de manter bem forte o N.E. brasileiro, porque dêle necessitavam para lançar seus aviões, em demanda do Oriente, inicialmente com escala na Ilha de Ascensão, e mais tarde, depois de invasão aliada, na própria Dakar. Nessa época, retomaram-se em ritmo acelerado, os estudos de Geopolítica do N.E.; para melhor definir a missão dos futuros defensores consultou-se a História, para lembrar os pontos vulneráveis da costa, nos quais, digase de passagem, e fazendo honra aos nossos antepassados, foram encontrados sempre velhos fortes por eles plantados nos locais convenientes para as respectivas defesas; e, sobre eles criaram-se as hipóteses sobre as possibilidades do inimigo; recorreu-se ao estudo da Geografia física, para melhor ressaltar o terreno, no conceito militar de suas virtudes defensivas ou de suas facilidades para a ofensiva, e, diante desses estudos, montaram-se postos de vigilância ao longo da costa e, o que foi mais importante, procurou-se e deu-se, ainda que precariamente, solução para o estabelecimento

da linha de comunicações no interior, aproveitando-se o longo curso do Alto S. Francisco e ativando-se a construção de estradas de rodagens e de ramais ferroviários interestaduais.

Além disso, as enormes instalações das Bases Aéreas de Natal, Recife e Salvador, pediam efetivos vultosos para defendê-las contra quaisquer formas de ataque possíveis, no momento. Por tudo isso, os anos de 1942, 1943 e 1944 foram testemunha do maior agrupamento de tropas jamais visto no N.E. brasileiro.

Onde há tropa, há anedota e do anedotário do N.E. daqueles tempos, é oportuno lembrar o caso de que, certa vez, estando o General "X" em visita de inspeção aos postos de vigilância da costa, deparou, numa colônia de pescadores, com um grupo de voluntários (olheiros), cabóculos praianos de pele endurecida pelo sol e pelo sal de água do mar, ao qual passou logo a "sabinar", sobre qual sua missão, *unimigo e meios*, e, como as perguntas fôsem difíceis de responder, principalmente na linguagem militar desejada, um dos pescadores, talvez o chefe do grupo (pois parecia já entrado na idade) deu um passo à frente e com simplicidade, assim se expressou: *Saiba V. S. que, se eles (o inimigo, certamente) aparecer na praia... nois fura os ôio deles (sic)*. Era a expressão do sentimento de ódio e de vingança do cabôculo, numa frase sincera da mais perfeita brasilidade.

Também, naquela época fez a Escola de Estado-Maior, a título de manobras, o estudo da defesa do N.E. O clássico método cartesiano, de dissecação dos fatores da decisão, foi aplicado na análise da missão, do inimigo, do terreno e dos meios e, por êle chegou-se a conclusão perfeitamente semelhante, à que agora se atinge, quando se pensa no Planejamento da defesa do N.E., isto é, uma defensiva elástica, uma troca parcimoniosa de terreno por tempo, utilizando ações retardadoras montadas sobre os eixos de penetração para o interior,

e completada por ações de guerrilha e de emboscadas impiedosas e violentas, lançadas sobre os flancos e retaguarda das colunas invasoras, até que, com meios reunidos no interior e em região adrede escolhida, se possa desfechar fulminante contra-ataque, ou quicá, contra-ofensiva, capazes de repelir, do território nacional o invasor, senão destruí-lo completamente, tudo funcionando debaixo de um adequado sistema de vigilância e alerta.

Interessante é notar o que sobre a defesa da Europa se recomenda no moderníssimo livro "Strategie Occidentale", do Gen. Jacquot, — do Exército Francês e Oficial da Ordem do Mérito Militar do Brasil —, livro êsse que já mereceu tradução do Exmo. Sr. Gen. Nicanor Guimarães de Souza, a saber:

"... A Missão de Cobertura... não se fará em frentes, porém sobre eixos. Ela não estará a cargo de unidades muito pesadas, nem muito dispendiosas e sim de grupos especializados de tipo particular, cada um deles operando num eixo determinado. A constituição desses grupamentos pode variar no pormenor, em qualquer caso porém, êles devem ser limitados em efetivos unitários que não ultrapassem o milheiro de homens, e que compreendam obrigatoriamente, elementos de reconhecimento blindados, formações motomecanizadas, engenharia especialmente adestrada nas demolições e destruições e unidades anticarro, extremamente móveis, além de um ou dois Comandos de Choque, preparados para a ação de emboscadas e raids. Tôdas essas formações devem dispor de possantes meios de rádio e um número relativamente grande de pequenos depósitos de carburantes, explosivos e munição, deve ser localizado tendo em vista sua ação desde o tempo de paz."

Se assim é, na marvótica e dinâmica Europa, acostuada a se bater três e quatro vezes num século, servida por tôdas as maravilhas modernas do progresso, porque não será pelo menos semelhante, no nosso

querido "Saliente", pacato, modesto e engatinhante...

CASOS VIVIDOS DE EMPREGO DA CAVALARIA

Citar casos vividos comprobatórios da eficiência e capacidade combativa da Cavalaria seria quase que repetir toda a história da Arma e, no caso brasileiro, seria recitar a história militar do Brasil, de vez que sempre houve lances heróicos e decisórios em que a Nobre Arma tivesse tido oportunidade, — e soubesse aproveitá-la —, para demonstrar, com honra e galhardia a razão de ser do seu "Pennache" e o atrevimento de seus sectários, senão prosélitos.

Honra pois aos cavaleiros da Guerra Cisplatina, como os Bento Gonçalves e os Abreu, a cobrirem, com cargas espetaculares, os flancos das forças nacionais; honra aos Centauros da Guerra do Rosas, dentre os quais, já sob o comando do inigualável Caxias, se destaca o legendário Osório, então Ten.-Cel. Comandante do 2º R.C. de Linha; honra aos Bombachudes da Campanha punitiva de Flores, onde aparece a figura máscula de Andrade Neves, secundada por Portinho e Menna Barreto; homenagens especiais ao Ten. Antônio João, o bravo Comandante de Dourados, um simples Pôsto Avançado, que ante ao convite de rendição, preferiu bater-se, mesmo na razão de 1 contra 15, na intemerata loucura de morrer pela Pátria e penetrar na admiração e respeito da posteridade, através do seu lapidar protesto:

"Sei que morro, mas meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto contra a invasão de minha Pátria."

Cita-se como sendo das mais belas páginas de emprego e de intervenção da cavalaria na guerra do Paraguai, o final da batalha de Tuyuty (24 de maio de 1866), em que o Legendário Osório, depois de ter sabido mantê-la em reserva durante boa parte da refrega, soube, com maior maestria ainda, e com rara oportunidade, empregar com violên-

cia, as Divisões de Cavalaria de Tristão Pinto e Menna Barreto, junto com o Grupamento Ligeiro de Voluntários de Netto, contra as já debilitadas e quase desordenadas tropas inimigas de Barrios, Diaz e Marcó, empenhadas furiosamente contra o flanco esquerdo da nossa tropa principal, conseguindo, aquêlê modelar chefe, pelo inopinado do contra-ataque, não só desbaratar completamente as forças do temível Barrios, em Potrero Pires, como pôr em fuga as dos dois outros chefes inimigos, desafogando assim a pressão que se fazia sentir na modelar e disciplinada Divisão Encouraçada (3º) de Sampaio (nesta altura já ferido de morte), e na 1ª Divisão, do inclito General Argolo.

Esta atuação foi, sem dúvida, uma excelente lição de disciplina de combate da tropa e, sobretudo, um inesquecível exemplo de discernimento tático e inteligente discórdia da Batalha, por parte do Legendário Marquês do Herval. Aceitando os riscos sofridos por sua Infantaria gloriosa, que por vezes atendida a combates em duas frentes, ou dispersava cargas com seus quadrados impenetráveis; por sua Artilharia, valente e poderosa, que muitas vezes usou, de baixo da gargalhada confiante de Mallet, a exclamar: *Ha!... Ha!... Ha!... por aqui eles não passam...* a "lanterneta" contra tropas incursionistas que chegavam ao fôssô de segurança das baterias; ou mesmo pela Engenharia de Bittencourt que, abandonando as ferramentas com que, momentos antes, trabalhara para as demais Armas, mostrou-se, com seus "Comblain", tão voluntariosa como qualquer Infante, e tão tenaz como qualquer Artilheiro; tudo isso, fez para aproveitar a hora "H" em que a sua Cavalaria, servindo-se da confusão e da desarticulação do inimigo empenhado, pudesse aplicar a célebre fórmula de Massa pelo Quadrado da Velocidade, e, por seu efeito, levar de roldão o inimigo. Osório não dispersou sua Cavalaria, atendendo, com reforços prematuros, a reverses locais; antes, preferiu acolher os uruguaios retraídos dos Postos Avançados, e, à direita,

é próprio, à frente de alguns Batalhões, socorreu uma crise momentânea verificada no Corpo do Exército dos Argentinos de Paunero.

Outra intervenção clássica da Cavalaria, terá sido a da Batalha de Avahy (11 de dezembro de 1868). Caxias, tivera a dura lição de Itororó, em que a vitória só foi alcançada à custa da sua inquebrantável e contagiante bravura pessoal, pois falhara, — por erro de informes de distância e de cálculo de tempo, — a manobra de largo envolvimento acometida a Osório, o qual, se tudo saísse como devêra, teria de fustigar, no auge da batalha frontal da Infantaria, a retaguarda dos defensores do malfado desfiladeiro, cortando-lhes a retirada. Em Avahy, o grande General preferiu manter sua Cavalaria junto de suas forças principais, para atrá-la, em oportunas manobras de flanco, contra o inimigo empenhado na batalha de fixação frontal. Assim concebeu, e assim fez executar a batalha, usando três Divisões de Infantaria na fixação frontal, enquanto que com a 1ª D.C. (Menna Barreto) e a 5ª D.C. (Câmara) pela direita, e Andrade Neves à esquerda, em escalão recuado envolveria — como o fez em cargas tremendas e apocalípticas —, ambos os flancos do dispositivo de Caballero, e, então, a bravura e a tenacidade da 5ª D.C. foram de tal ordem, que, do próprio Caxias, em pleno fragor da batalha, mereceu seu Comandante eloquente elogio, que o promovia a Brigadeiro:

“General: louvo-o por suas brilhantes cargas.”

Pois não é ao cabo do 19º Corpo Provisório de Cavalaria, Francisco Lacerda (Chico Diabo), que se atribui o lançamento que, em Cerro Corá, deu fim à nefasta vida do terrível ditador Solano Lopes?

Quase um século mais tarde, em novembro de 1944, fomos testemunha, nos campos nevados da Itália, da missão atribuída ao glorioso Esq. Rec. Mec. da FEB, pela qual, em Colina, com seus 90 homens de efetivo e seus 11 carros tipo M/8

(Canhão de 37mm), deveria colmar a brecha verificada entre a direita do 1º R.I., ao sul do Morro del Oro e um Btl. do 6º R.I. na Vila de Colina. Um quilômetro de frente, teoricamente, nas cartas de E.M., mas na realidade, quase dois, pois a ligação com o Btl. do 6º só se verificou no corte da Torrente Marano. Com auxílio de outros tantos “Partigiani”, foi restabelecida a frente, até que um incidente de combate provocou um verdadeiro furacão nos Estados-Maiores da FEB e do IV Corpo Americano. Havia relativa atividade na frente do Esquadrão. Enquanto que, nas demais frentes, depois do malogrado ataque de 2 de dezembro, contra Monte Castelo, os contactos se limitavam aos recontros de patrulhas, à noite; face ao Esq. notava-se um continuo movimento, bem esquivo é verdade, mas de certo modo perceptível, que obrigava alguns tiros das Mtrs. apeados dos M/8. Também, os “Partigiani” iam e vinham, de um lado para outro da frente, até que um deles informou que soubera ter sido ferido pelos tiros das nossas Mtrs., um tal major “X” do exército alemão. Transmitido o informe, aparentemente de rotina, causou sensação no E.M. do IV Corpo, pois, constava de seus arquivos, que esse major “X” que não pertencia à unidade defrontada era um especialista em golpes de mão; foi então admitido que sua presença na frente, constituía séria ameaça para o fracamente guarnecido quartelão do Esquadrão, que, na tarde desse mesmo dia, teve a honra de se ver substituído por um Btl. inteirinho, com todas suas Mtrs. e morteiros. Retirado da frente, o Esq. foi mandado repousar e manter suas viaturas, na encantadora vila de Granaglione, situada a 800 m de altitude, encastada nas alcantiladas encostas do Vale do Reno.

Só a ofensiva da primavera deslocou o pequeno e valente Esq. de sua aprazível posição de repouso, mas quando isso aconteceu, foi para que, com seu movimento rápido e ousado, chegasse a fugir do alcance de seus aparelhos de rádio, e, para

que seu comandante, o valoroso Capitão Pitaluga, com indizível audácia, senão mesmo com alguma petulância, depois de ação que faria inveja aos cavaleiros de Gambetta, através invios caminhos de montanha, tomasse de flanco a 148ª Divisão de Infantaria Blindada, acuada no vale do Rio Taro e bloqueada frontalmente em Collecchio, no Vale do Pó, pela tropa do Btl. Gross, e lograsse intimar o Gen. Fretter Pico, Cmt. daquela G.U. inimiga, a propor rendição de sua tropa ao Comando Brasileiro, o que foi efetivado nos dias 29 e 30 de abril de 1945, nas localidades de Fornovo e Felegara.

Poderíamos citar, se o cansaço já nos não começasse a nos atormentar, inúmeros outros exemplos positivos e de oportunidade que uma boa Cavalaria pode explorar, lembrando feitos clássicos da 1ª Grande Guerra, mas preferimos citar dois exemplos negativos, preciosos pelos ensinamentos deles resultantes, o primeiro transcrito da monografia do Brigadeiro B. Martins sobre "As causas das crises da Cavalaria e a projeção contemporânea":

"Na primeira Campanha da França manifesta-se, logo, a fraca projeção operativa da Cavalaria Francesa, que resultou não só da sua insuficiência numérica (apenas 5 Divisões Ligeiras de Cavalaria, além dos Gr. Reconhecimento das Grandes Unidades de Infantaria, num total de cerca de 100 Divisões aliadas, de Infantaria Mecanizadas e Blindadas), mas também do emprego dispersivo das suas G.U., que derivou mais uma vez das reminiscências da errada doutrina do fim do século XIX, que lhes atribuía como papel principal e Exploração e a Segurança Afastada dos Exércitos, e de que resultará, já, toda essa disseminação de 1914.

Em lugar de reservarem as Div. Ligeiras de Cavalaria, desde o início, ou pelo menos de as retirarem a tempo, para as empregarem em conjunto com as Div. Ligeiras Mecanizadas e Div. Couraçadas, constituindo com todas, uma potente massa articulada a N e NE de Pa-

ris, a ser jogada nas direções decisivas e nos momentos cruciais, lançaram-na a priori para a Bélgica, na errada convicção de que ainda o Plano Schlieffen seria o empregado na invasão. Em breve recaem também nesse emprêgo "en poussière" ou "petits-paquets" como lhe chamam os franceses, ou "penny packets", como traduzem os americanos...

A despeito de tudo isso, os Gr. Reconhecimento e as Divisões Ligeiras da Cavalaria Francesa conseguiram por à prova a sua capacidade de reconhecimento tático e seu poder retardador, mesmo em face das Div. Panzer, exercendo, neste restrito campo tático, uma ação apreciável".

A propósito disso, a Escola de Saumur, o berço da Cavalaria Mundial, em notas fornecidas aos seus alunos do moderno Curso de Arma Blindada, em 1950, adverte com certa malícia:

"C'est pourquoi le génie n'étant pas chose courante, — la Cavalerie est de toutes les Armes, celle qui est, le plus souvent, mal employée."

O segundo exemplo negativo, fomos encontrá-lo muito bem descrito no livro do Major E. Bauer, do E.M. do Ex. Suíço, "La Guerre des Blindés", e é a propósito da atuação dos primeiros elementos americanos em operações na Tunísia, sendo de notar que seus preciosos conceitos estão ratificados e de certo modo justificados pelo próprio Eisenhower no seu relatório "Cruisade in Europe".

Como é de todos sabido, em fins de 1942, depois dos reverses ingleses no N. da África, principalmente devidos à intervenção do famoso "Arikakorps" da V. Rommel, ficou decidida a recuperação do N. do Continente Negro, por meio de dupla ação, do Oriente para o Ocidente, com o 8º Ex. Inglês de Montgomery, e do Oeste para Leste, por meio de desembarque de tropas inglesas do 1º Ex. (Gen. Anderson) e o 5º Ex. Americano do Gen. Mark Clark, operando aquêle na faixa costeira do Marrocos e Argélia ou seja, ao N. deste. Em fins de janeiro de 1943, na parte

oriental, toda a Líbia, Tripolitânia e boa parte da Tunísia estavam liberadas do inimigo, que se abrigava atrás das fortificações da famosa Linha Mareth, enquanto que as tropas desembarcadas no Ocidente, em Casablanca e Oran, progrediam sob o Comando único de Eisenhower, sem dificuldades, através de território colonial francês, atingindo suas avançadas (tropas da 1ª D.B. americana) a 13 de fevereiro, Pichon, Fondouk, Faid e Maknassy, em demanda de Sfax, Enfidaville e Tunis, com a missão de destruir o inimigo e capturar-lhe os remanescentes, tomando-lhe os portos de embarque e locais de decolagem. O inimigo, sentindo ameaçadas suas retaguardas e comunicações, substituiu na Linha Mareth, suas tropas do Afrikakorps pelas do Gen. Messe (italiano), e reune, num só bloco, a 10ª e a 21ª Div. Panzer, junto com a "Centauro" italiana e, fazendo-o subir na direção de Sfax, joga-o bruscamente para Oeste, na altura de Faid, ao passo que um pequeno elemento acometia Fondouk, conseguindo enganar o General Fredenhall (Cmt. das forças americanas), no tocante à direção de seu esforço. Batidos aqueles elementos avançados, e penetrando nas posições americanas por uma ação frontal esmagadora, lançada na direção Faid-Sbeitla-Kasserine, com um envolvimento pelo Sul, por El Guejar, Gafsa, Kasserine, lançava Rommel uma ameaça terrível contra Tebessa, o importante nó de comunicações rôdo e ferroviárias e, particularmente, a base avançada da aeronáutica do Tio Sam. Só a 21 de fevereiro conseguem os americanos ver definitivamente detido o vano alemão, depois de haver conseguido reunir a 2ª D.I., transportando, para isso, seus elementos por todos os modos e meios, mas, principalmente, em decorrência dos movimentos feitos pelas tropas de Montgomery que, deslocando-se de Medine para Oeste, pareciam ligados à idéia de reforçar o flanco Sul do 5 Ex., quando em realidade, foram apenas feitos para diversionar o inimigo numa ação de flanco pelo desfiladeiro de El Hamma.

E onde esteve a Cavalaria, em tudo isso? Primeiro, os reconhecimentos, ávidos de glórias e de sucessos, mas sem experiência de guerra, aceitaram a louca missão da penetração em ponta, sem apoio e sem possibilidades de manobrar nos corredores, sendo logo seus fracos efetivos abafados pelos elementos de cobertura do inimigo; segundo, os reforços mandados, em vez de tentar manobrar por outros caminhos, preferiram insistir na ruptura, confiantes demais no canhão de 75, de seus carros Grand e provocando a reação da utilização pelo inimigo, dos canhões 88 AAé, como armas anti-tank, produzindo perdas sensíveis; terceiro, a tropa da 1ª D.B. americana, quando se pensou no ataque de carro contra carro, encontrava-se de tal forma disseminada, que mais fácil foi fazer avançar a 2ª D.I. da retaguarda, embora muitos de seus elementos também estivessem dispersos em missões policiais de retaguarda. Em contraposição, o inimigo jogou sua cartada com a força de duas D.B. completas na direção de esforço, enquanto mais ao S. a Div. italiana traçava o amplo envolvimento da posição atacada.

O respeitável e em todos os sentidos grande chefe Eisenhower, no seu livro depoimento, atribui, com a nobreza e a sinceridade de seu espírito esclarecido, a quatro causas, o insucesso inicial de Kasserine:

1ª) *Que ele quer que recaia sobre si próprio, e representada pelo acoadamento com que se propôs tomar Tunis aos alemães; lançando pequenos destacamentos dispersos, que, no momento preciso, não conseguiu reagrupar com a necessária rapidez, não tendo passado, em suas cogitações, a hipótese de qualquer insucesso;*

2ª) *Que ele atribui particularmente aos componentes da sua 2ª Sec. E.M., qual a idéia de que estavam estes elementos do E.M. de fazer crivo nas informações que lhes chegavam às mãos, só aceitando como verdadeiras, as que confirmassem seus próprios pontos de*

vista. No caso, foi admitida a hipótese de que o ataque alemão seria desfechado por Fondouk, porque por ali havia agrupamentos assinalados semanas antes; a hipótese persistiu, apesar das informações negativas dos reconhecimentos sobre a permanência daqueles agrupamentos nas posições de espera e, dessa surdés e teimosia, resultou a surpresa de Faid e de Gafsa;

3ª) *Que êle atribui à sua Sec. de Operações*, a qual subestimando a força do inimigo, preferiu empregar exagerados elementos de crosta de contacto, a todo instante reforçados, mas, assim mesmo, incapazes de deter as investidas em força do adversário, pelos corredores de penetração, enquanto que as massas de reserva se enfraqueciam com a retirada dos "penny-packets";

4ª) *Que êle atribui à falta de experiência combativa da tropa* e, principalmente, dos quadros que a comandavam, sem comentar a fraqueza e impropriedade do "Scout-Car" e das demais viaturas de rodas, mesmo as 4 x 4 (excepto os jeeps e os carros Cmd. 3/4 ton.), a falta de flexibilidade das viaturas "Half-trak" (meia lagarta) e a pouca eficiência do Tank "Grand", com seu canhão bloqueado na torre lateral, com pequeno giro, além da completa condenação do canhão A.T. 3 mm, inoperante contra as couraças de então.

Custou a Batalha de Kasserine à 1ª D.B. americana,

192 mortos

2.624 feridos

2.459 desaparecidos

45% do seu efetivo

40% do seu material.

Mas, haveis de estar mentalmente interrogando,

Por que Cavalaria no Nordeste?

Se assim estiverdes pensando, teremos atingido o nosso objetivo psicológico; teremos motivado o tema que nos propuzemos debater, teremos despertado a vossa curiosidade com o relato de coisas antigas e bem sabidas, para estabele-

cer a função de relação com o assunto novo que tentaremos abordar.

Procuraremos demonstrar, pelo que nos ensinou a história, pelo que nos impõe a natureza, pelo que podemos explorar dos recursos, dos hábitos e dos costumes tradicionais da região, que a Cavalaria é a tropa especialmente indicada para predominar no Nordeste, diante dos problemas estratégicos da defesa que aqui hajam de ser resolvidos.

Não nos acanharemos em exaltar o valor da magnífica faixa litorânea da Mata, a injustamente chamada Baixada do Litoral, pois que, em realidade, ela é adornada por elegantes mamilões que, nas suas cabeleiras verde-escuro, retêm as águas formadoras dos rios cristalinos nascidos na profundidade das ravinas, ou que, dispostos assimetricamente nas terras dos vales, provocam o serpentear preguiçoso dos baixos cursos dos rios costeiros.

De qualquer forma, a "Zona da Mata" sempre constituiu o alvo das cobijas dos aventureiros dos séculos XVI a XVII, já pelos preciosos lenhos nela contidos, como pela exuberante fertilidade de suas terras, particularmente adaptadas à cultura da cana de açúcar, sem prejuízo dos deliciosos pomos da terra, capazes de, por si só, constituírem um regime alimentar.

Por ser fértil e exuberante e por oferecer condições admiráveis de vida ela satisfazia aos aventureiros de antanho que nela se instalavam, disputando-a com desesperada tenacidade e com toda a força da coragem de quem guardava a própria subsistência e sobrevivência. Pela mesma razão os autoctones a defenderam com a herocidade de que o exemplo são os Restauradores.

Caminhando-se para o interior, já nos degraus dos contrafortes da Chapada Borborema, há uma zona de transição que não chega a ser tão inhospita e agressiva como o altiplano sertanejo, mas que também não desfruta das maravilhas de acolhimento da Mata, é o "Agreste". Ali já não se sente o suave bafejo da brisa praiana e porque os con-

trafortes da montanha não estejam tão bem enroupados dos seus tufos de verdes folhagens, a água ascende, e se limita à que corre nas calhas que descem do interior e, que por força da estiagem, se transformam, às vezes, em simples regato ou mínimo filete d'água suja e barrenta, vinda dos brejos marginaes formados pelas enchentes do inverno. A terra seca sofre as terríveis deformações da erosão e os contrafortes do degrau, pela extensão e conformação de suas linhas de maior declive, e pelo abrupto de suas encostas fendidas por aquele fenómeno, condicionam a penetração pelos estreitos vales, onde serpenteiam as estradas antigas do século XIX.

A Engenharia moderna tem contrariado esses caminhos naturais. Retas extensas rompem montanhas e se equilibram em atêrros e obras d'arte de grande vulto, transformando militarmente tais caminhos, em desfiladeiros profundamente observados, e sempre enfiados em longa extensão, ou seja, em verdadeiras ratoeiras táticas, que um simples botão elétrico de explosões pode pô-las em funcionamento.

Mais para dentro, no altiplano está o Sertão, com suas secas, com suas terras calcinadas e esvoaçantes, suas palmeiras de "Babaçu" e de "Carnaúba", em torno de algum açude, natural ou feito pela mão patriótica do sertanejo, quando não houver apenas o cactus agressivo e a pedra nua e quente dos réptis peçonhentos.

Com tal aspecto fisiográfico não é de admirar que os Holandeses de Nassau, em trinta anos de ocupação, não tivessem ido além de Guarabira, sobre o Rio Araçagi; Itabaiana sobre o Rio Paraíba; Itambé, Pau D'Alho sobre o Capiberibe; Escada sobre o Ipojuca; sempre em faixa raramente superior a 60 km da Costa.

Euclides da Cunha comparando o homem Nortista com o Sulista, assim se expressou:

"... na luta, o Gaúcho valente não recua. O Jagunço, não. Recua. Mas no recuar é mais temeroso aim-

da. É um negaceador demoníaco. O adversário tem, daquela hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um ódio inextinguível oculto no sombreado das tocaias..."

Assim foram as lutas dos Restauradores. Avisados por meio de uma espionagem hábil e astuta, do movimento de troços batavos em busca de gado, de açúcar, de alfaias, ou para raziões de quaisquer natureza, os pernambucanos se atocaiavam nos desfiladeiros das passagens obrigadas, e ali infligiam ao batavo bronco e rigidamente enquadrado nas formações maciças das ordenanças europeias, o castigo das fustigadelas crueis de guerrilhas e de escaramuças, de surpresa nos flancos e pela retaguarda, desordenando os pesados quadrados e anulando os efeitos dos enormes piques como eram armados.

Assim aconteceu em Monte das Tabocas.

Assim foi a célebre carta-desafio de Henrique Dias ou Anrique Dyas, tal como se assinava o famoso governador dos Pretos, creoulos e mulatos do Estado do Brasil:

"Saibam V. Ms. que Pernambuco é sua (referindo-se a Felipe Camarão) Pátria e minha, e que já não podemos sofrer tanta ausência dela... e lhes daremos a cheirar as flores que produzem e brotam dos nossos mosquetes... e quando vossos pecados (o que Deus não permita) nos obrigarem a retirar-nos, saibam de certo, que havemos de deixar a terra tão rasa como a palma da mão e tão abrazada que em dois anos não dê fruto; e se V. Ms. a tornarem a plantar (o que não sabem, nem podem) nós viremos, em seus tempos, a queimar-lhes, numa noite, o que houverem plantado num ano."

Qual a tropa especialmente apta ao negaceio, à surpresa, ao desferramento de uma posição desvantajosa para aceitar combate mais adiante; para a ação retardadora sobre os eixos de penetração, com ou sem efeito de arrasamento dos terrenos deixados; para a cobertura das ações contra ofensiva mon-

tadas em terrenos de manobras amplas?

Só há uma resposta: Cavalaria.

Sem saber onde o inimigo lançará suas forças de desembarque, sem saber qual dos eixos de penetração ele utilizará para assegurar a posse das alturas que dominam suas cabeças de praia e, de vez que, numericamente, é impossível pensar em guarnecer toda a praia, para impedir o desembarque, só um tipo de defesa é permitido no saliente nordestino, *A Manobra por Linhas Interiores*, vigiando atentamente os corredores do acesso, enquanto que u'a massa de manobra, de movimentos rápidos e flexíveis, ficará em condições de prontamente esmagar o inimigo que, por um dêles, se aventurar.

Pois não é essa a Manobra típica da Defesa em Larga Frente da Cavalaria?

Estudando a defesa do Nordeste, fácil será concluir, diante mesmo do mapa de estradas da Cia. "Esso do Brasil", que:

"Nada estará seguro a Leste da linha Caicó, Campina Grande, Caruarú Garanhuns; e a Cachoeira de Paulo Afonso aí está, com o vale do Moxotó, que precisa ser defendido contra uma penetração vinda do N.E.

Tropas móveis e de rápida entrada em ação, localizadas em pontos que não sofram os primeiros impactos. Aviação de Combate, agressiva e ousada, disposta de fazer de Fernando Noronha, o posto avançado do saliente, transformando-a na Malta Brasileira, ao mesmo tempo que, com bases no interior seja capaz de hostilizar os elementos de desembarque e auxiliar a ação das tropas terrestres da defesa; Marinha de pequenos navios, que não cheguem a constituir alvos compensadores para grandes batalhas, mas que tenham a obstinação da agressão e que sejam capazes de assegurar a vida do P.A. de Fernando Noronha e de limitar, num só, o ponto de desembarque do inimigo, além de, por meios de incursões de submarinos, ser capaz de lhe desor-

ganizar os comboios de suprimentos".

Qual por excelência essa tropa móvel e de rápida entrada em ação? Mais uma vez: Cavalaria.

Haverá sempre uma Cavalaria... houve quem dissesse, há anos atrás, no curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, seja ela hipomóvel, motorizada ou mecanizada, porque todas elas são organicamente aptas ao cumprimento das missões específicas que os regulamentos lhes consignam, e, talvez neste momento alguém nos queira denunciar como prosélitos intransigentes da moderna mecanização.

Sim! diremos altissonos e sem receio de qualquer crítica. Queremos Cavalaria, mas queremos da moderna, da Cavalaria século XX, daquela que, tanto quanto a outra, tem "Pennache" e "esprit de corps", mas que em duas horas faz o que a antiga fazia numa jornada, e que mais rapidamente ainda, abre seus mortíferos fogos dos canhões e metralhadoras montadas no próprio elemento produtor do movimento, indiferente e insensível aos insultos do Campo de Batalha.

O insigne mestre, Cap. Gazin, Professor de Emprêgo das Armas da Escola Militar de Aplicação de França, num livro escrito sobre Cavalaria Francesa da 1ª Guerra Mundial, a propósito da crítica construtiva que lançou contra a cavalaria de sua terra de antes de 1914, a qual estava imbuída de uma falsa noção ofensiva, que desprezava o enfão indiscutível, efeito das metralhadoras, para só querer o reencontro à arma branca das famosas Cargas das Cavalarias Napoleônicas, cita o seguinte sábio conceito de Rustow, emitido em 1906:

"Il faut savoir abandonner em temps opportun les réglemens surannés et les remplacer par des nouveaux, accomodés aux progrès de l'époque."

Nós almejamos boa cavalaria mecanizada, embora saibamos que Paulo Afonso — que é uma realidade nacional —, ainda não seja capaz de fazê-la mover-se. Nós a queremos, porque temos confiança nos

destinos heróicos da Nação, deste País grandioso que, tendo feito um Paulo Afonso, há de saber fazer, dentro muito em breve, subir à superfície da terra a lama combustível de suas entranhas.

Nós queremos Cavalaria no N.E., não tanto para aproveitar o pendão cavaleiro do vaqueiro nordestino que, segundo estatísticas, hombreou-se aos gaúchos dos Pampas, em percentagem palpável, na Campanha de 51/52; mas também não queremos abusar da sua bravura e sua coragem, do seu amor à terra, pedindo-lhes sacrifício semelhante ao que foi exigido das Brigadas de Cavalaria polonesa, em setembro de 1939, lançadas contra os Panzer de V. Reichnau, de V. List e de V. Kluge. Pensamos que, do vaqueiro, melhor fôra aproveitar a astúcia e a arte de negacear, aliadas ao ódio implacável que sabe devotar ao intruso que o fizer recuar, habilitando-o a se servir dos modernos engenhos de guerra, pois que não nos cabe sombra de ilusão, de que a próxima invasão do N.E. não será feita apenas com "Têrços" de infantes de gibão de couro, armados piques longos e curtos, apoiados por bacarmartes e colubrinhas que atirem à razão de três a quatro disparos por hora, e treinados no corpo a corpo de espada, punhal e cacetete...

Haverá sempre uma Cavalaria... com cavalos, viaturas ou blindados... não importa; mas, antes de tudo, com um elevado e inquebrantável "Espírito de Arma" que se orgulha do seu passado e que sorri diante da grandeza de seu futuro; com uma "Doutrina de Emprego" que preconiza, para a tropa, tanta tenacidade e energia quanto espírito de sacrifício, e para os Chefes, um senso tático esclarecido, capaz de produzir decisões rápidas e convenientes, servidos por Estados-Maiores integrados nas suas especialidades e capazes de fazer acionar, com precisão cronológica, seja os milhares de cavalarianos das tropas hipomóveis, seja os milhares de viaturas dos elementos blindados, ora deslocando-os pelas estradas, ora

empenhando-os nos Campos de Batalha, mas sobretudo, sendo capazes de os reabastecer convenientemente em viveres, forragens e carburantes, e, bem assim, de prescrever o passo e o repouso dos cavalos ou a manutenção das viaturas, de maneira regular e obrigatória, quaisquer que sejam as dificuldades que, para tanto, tenham que superar.

Deve ficar bem claro que, preconizando Cavalaria no N.E., não queremos afastar a respeitável e venerada Rainha dos Campos de Batalha de suas missões típicas de ocupação do terreno e de intervenção nas ações decisivas; não queremos diminuir o prestígio dos fogos densos e profundos da Artilharia, só porque nos tenham dado um canhão sem recuo, um morteiro de 4,2 polegadas ou uma super bazooka ultramoderna; nem outrossim pensamos em prescindir da técnica dos engenheiros, só porque das nossas dotações conste o petardo individual para a montagem dos "conjugados de Cavalaria".

Não! Nada disso nos ocorre... Queremos Cavalaria no N.E. porque temos a convicção plena e segura de que muito há o que fazer antes de entregar o inimigo às ações maciças da gloriosa Infantaria; muito haverá para cooperar, nessa ação maciça, com a majestosa Rainha, repetindo as façanhas de Andrade Neves, de Câmara e de Osório, nas arremetidas sobre o flanco e nas ilhargas do inimigo engajado, e, muito mais ainda há de ser feito, quando esse inimigo, aprovado ante o espectro macabro da derrota, tentar fugir ao castigo violento do combate corpo a corpo, no que é inexecutível o soldado brasileiro.

O grande Gen. Patton, o Osório do Exército Americano, definindo em que consiste a tática moderna, lança a seguinte sentença, bem fruto do seu admirável senso de humor:

"Agarre-o (o inimigo) pelo nariz, e passe-lhe uma rasteira."

Fique a Senhora Infantaria com a missão de agarrar o inimigo pelo nariz, que nós outros da Cavalaria

queremos ser os da rasteira...

Mas essa rasteira só desequilibra, se for violenta e inesperada. A violência, dar-nos-á os modernos armamentos conhecidos: o canhão sem recuo, a bazooka e a superbazooka, os morteiros rajados, os projéteis ôcos de efeito Munroe, capazes de atravessar grossas blindagens; a espoleta de proximidade que dispensa regulagem prévia do obuz, mas que, também, não perde o alvo que a atrai; as armas anti-carro de todos os tipos, desde a simples granada de fuzil, aos mais possantes canhões dos tanques atuais; as armas antiaéreas múltiplas e de extraordinário rendimento, a ponto de se apelidarem "varredores do céu" (Sky-sweepers). O inesperado, será fruto da mobilidade e da rapidez de que for dotada essa força, e função de órgão capaz de fornecer esse movimento: se cavalo, muito forte e resistente; se simples viatura de transporte, muito rústica e capaz de andar em qualquer terreno; se Blindado, adequado, moderno e eficiente.

Qualquer que seja o tipo dessa tropa, ela deve estar a qualquer momento sob sólida disciplina e elevado valor moral, muitíssimo bem treinada, quer nos gastos individuais e nas ações coletivas das pequenas unidades como, e principalmente, nas manobras de esforços com outras Armas, agindo dentro de uma linguagem simples de entendimento e confiança mútuos, robustecida e treinada, ainda que penosamente, em tempo de paz, para uso descaçado e sereno em tempo de guerra, conforme nos adverte o Grande Foch, com a seguinte lapidar sentença:

"A realidade no campo de batalha é de que ali, não há mais lugar para estudos e aprendizado. Ali se faz simplesmente o que se pode, para aplicar o que se sabe. Assim sendo, para ali se pode fazer um pouco que seja, é preciso saber bastante e bem."

Eis porque, o "Rápido e mal feito", que detratores invejosos atribuem à cavalaria e aos seus quadros, não pode ter guarida nas nos-

sas convicções, e muito menos, na desejada Cavalaria do N.E.

Rápido, ainda que mal feito, propõe alguém, admitindo o contrassenso da frase anterior, que parece preconizar o deliberado "Mal Feito", só para cumprir o capricho de ser "Rápido".

Apoiemo-nos novamente em Patton, citando um de seus pensamentos de seu livro: "War As I Knew It",

"Não Demore! O melhor é o inimigo do bom. Com isto quero dizer que um "Bom Plano", violentamente executado agora, será melhor do que um "Plano Perfeito", executado na "Próxima Semana". A Guerra é coisa simples, e suas características determinantes são: autoconfiança, velocidade e audácia. Nenhuma dessas três coisas pode ser perfeita, entretanto, elas podem ser de boa qualidade."

Cavalaria no N.E. ... Onde? Com que efetivos? Com que compromissos? É o momento de lembrar as palavras ao mesmo tempo gentis e irônicas, porém, profundamente sensatas, de insigne mestre que foi o Cap. Com. de Ch. Dalmassy, da M.M.F., quando, por volta de 1920, iniciava os estudos sobre a nossa Cavalaria, na E.F.M.:

"Dès le moment que vous êtes officiers de Cavalerie, il faut avoir un sourire, pour recevoir les missions que vous seront destinées..."

O que, em linguagem de porta de picadeiro, quer dizer:

Missão de Cavalaria... É... Espeto...!

Fala aos cavalarianos que serviram no Nordeste:

1) Antes de mais nada, Conservai Vossos Sorrisos, para saberdes que, se dependesse de nós, a Cavalaria do N.E. teria que se aquartelar a Oeste da já mencionada linha: Caicó-Campina Grande-Caruari-Garanhuns, ou seja em pleno sertão, desde que a localidade fosse servida por Estrada de Ferro e que, nas suas redondezas pudesse ser recolhido um grande Campo de Instrução (40 x 20 km), onde fosse possível realizar toda a gama de ti-

ros de artilharia, e o treinamento dos fogos de Infantaria.

2) Cultivar a obsessão do conhecimento do terreno das cercanias da Guarnição, principalmente dos eixos que conduzirem para o lado do mar, bem como os que facilitarão roçadas de uma penetração para outra. Sempre que tiverdes oportunidade, percorrei trechos dessas estradas, tomando notas pessoais de orientação e de balizamento de itinerários.

3) Alimentai o gosto pelos exercícios de cooperação de armas. Lembrai-vos de que a guerra não se faz por armas isoladas e que os conjuntos "Cavalaria-Artilharia" ou "Carros-Artilharia", se formam e se fortalecem em tempo de paz, para completo e perfeito entendimento no momento da Guerra. É preciso admitir que, para a Cavalaria, tropa de cobertura por excelência, a Guerra pode se desencadear a qualquer momento, não lhe cabendo o direito de reclamar tempo para operações finais de mobilização ou para treinamento dos reservistas convocados. A instrução de tempo de paz tem que ser real, realística e realizadora.

4) Importa, pois em dizer que, na instrução de tropa (e dos quadros), não deve ser consentida economia de meios e outros recursos que produzam a sensação de realismo. Destes meios auxiliares o mais importante é a própria vida em campanha, os exercícios realizados fora dos muros do quartel. Uma jornada completa no campo, vale por uma semana de instrução intra-muros.

5) Lembrai-vos de que quem constrói a vitória concebida pelo Comando, são os componentes do grupo de combate ou as guarnições de carros. Assim, a preocupação de atingir a virtuosidade nos gestos, atitudes e reflexos de combate desses componentes, pode não ser tarefa fácil, mas é coisa perfeitamente factível, se encarada com mistica e convicção; por outro lado, o trabalho coletivo dos grupos de combate, das equipes e das guarnições de carros é assunto delicado e que tem de ser encarado com pro-

priedade, pois as ações de guerra serão sempre a repetição dos gestos coletivos do tempo de paz. Dizem que a França, a primeira potência militar a armar tanques com canhões de 75 mm (Carro Renaud B-1), não logrou utilizá-los na Segunda Grande Guerra, porque, as equipagens formadas no tempo de paz, individualmente em unidades de armas diferentes (artilheiros, motoristas e chefes de carro), não conseguiram se entender, quando reunidos sob a mesma carcassa de aço, nos primeiros dias da Guerra.

6) Tende sempre presente que o problema da instrução da tropa se resume na obtenção da confiança. O homem, individualmente, deve confiar nas armas e materiais postos ao seu alcance para assegurar sua própria sobrevivência no Campo de Batalha. No Grupo, Peça ou Carro, os homens devem confiar na eficiência da arma coletiva que servem, no virtuosismo de cada companheiro e na capacidade e argúcia do chefe que os conduz. Os exercícios de combinação de Armas criam a confiança mútua das unidades apoiadas ou de apoio, e a dos elementos nos materiais das respectivas dotações.

7) Devem os quadros, permanentes ou de fileira, estudar, no âmbito de suas alçadas, a História Militar, Geral ou Pátria, bem como a Geografia Física, Social e Econômica da região da guarnição. A primeira, lhes ditará atitudes e sugerirá precauções que lhes não de ser muito úteis, posto que trazem o sê-lo da sanção da experiência; a segunda, tornando mais conhecida a terra a guardar, aumenta a precisidade a ela atribuída, encarecendo-lhe a defesa e a necessidade de retomá-la a aventureiros que dela queiram se apossar.

8) Fazei por manter elevado o moral da tropa. Moral é função de bem-estar individual e da confiança nos destinos da Pátria. Um homem bem alimentado, pago em dia, protegido por boa roupa e bem calçado, reconfortado por boas notícias vindas da família, acredita melhor no que lhe fôr dito, a res-

peito da Pátria no conceito das Nações, coisa o que lhe escapará, as mais das vezes, à observação própria. Isto importa dizer, que de nada valem as chamadas "arengas cívicas", se o instruendo não estiver plenamente satisfeito de estômago, de bôlso e de roupa.

9) Sendo a Cavalaria a Arma de movimento, guardar, cuidar, renovar e exercitar o meio produtor desse movimento, tem que ser a preocupação primacial dos cavalarianos. Um ferro de ferradura frouxo, um pneu careca, ou uma sapata de lagarta sem borracha, são a mesma coisa, nos três tipos de Cavalaria; só que o primeiro custa apenas alguns cruzeiros; o segundo, algumas centenas de cruzeiros; e a terceira, alguns milhares de cruzeiros; mas todos os três são capazes de imobilizar o meio de movimento; cavalo, automóvel ou tanque. O "homem de cavalo" da hipomóvel, tem que desenvolver o seu "instinto", para bem compreender a "mística da motomecanização", ao trocar suas bombachas pelo macacão.

10) Por fim, o que alimenta o "pennache" da Cavalaria é a verdade inofismável de que "Qualquer elemento de força transportado em viatura automóvel, pode perfazer as "performances" atingidas pelos motomecanizados, com a diferença de que, dentre estes haverá chefes que também raciocinam a 30 kmh, enquanto que os primeiros podem ser mandados por quem esteja acostumado a agir apenas a 4 kmh. Portanto, a solução simplista de requisitar transporte automóvel para que tropas de Infantaria façam aquilo que, normalmente, a Cavalaria deve fazer, não satisfaz".

RESUMO E CONCLUSÕES

a) Fica lançado um "grito de alerta", no sentido de que bons efetivos de Cavalaria tenham sede no território do "Saliente Nordestino", atendendo a imperativos de Defesa Nacional.

b) É a natureza do território local, com seu terreno por vezes agressivo e pouco acolhedor, e seu cli-

ma inclemente, que recomenda o emprêgo de Cavalaria no Nordeste, admitindo-a como sendo o elemento mais capaz de produzir movimentos rápidos e flexíveis, a despeito dos percalços naturais que tenha de enfrentar.

c) A História faz vibrar de orgulho o "pennache" e o "Esprit de Corps" dos cavalarianos, apontando-lhes os feitos gloriosos do passado como verdadeiros senhores dos sucessos do futuro, e oxalá se diga, sempre no Brasil, o que disseram na França, em 1914, logo depois da memorável Batalha do Marne:

"L'Armée a sauvé le pays,
mais la Cavalerie a sauvé
L'Armée."

d) Pensando em Cavalaria no Nordeste, não nos esqueçamos do que seja o Nordeste, com suas regiões desérticas e secas, com seus longos itinerários parcos de recursos, exigindo jornadas duras e penosas, e engajamentos por vezes em situações indesejáveis que só a blindagem pode minorar, senão mesmo superar. Por isso lembramos o aspecto moderno da Cavalaria Motomecanizada, inclusive com sua infantaria blindada e anti-tank, sua artilharia autopropulsada e sua engenharia especializada.

e) Convém e impõe-se a criação de novas unidades no Nordeste, para melhor aproveitar militarmente esse enorme potencial humano possuidor de tradicionais recursos combativos, dos quais o mais elementar é o da luta contra a própria natureza, potencial esse que deixa de ser adextrado para uma reserva eficiente, por falta de unidades que o façam.

f) Mas essa formação de reserva só será uma realidade, se tais elementos puderem ser treinados em grandes Campos de Instrução onde toda a sorte de exercícios de conjunto e de combinação de armas possam ser executados, inclusive os tiros reais de toda as armas e engenhos usados, feitos depois de longas marchas, sob quaisquer condições atmosféricas e climáticas.

1ª Conclusão :

Melhor do que qualquer outra Grande Unidade, as Grandes Unidades de Cavalaria, — a Arma dos movimentos amplos, — podem assumir os encargos de assegurar a cobertura do Nordeste, contra invasão que possa vir do mar, num terceiro conflito mundial que vise o Continente Americano.

2ª Conclusão :

A Cavalaria que para tal fôr destinada terá que ser localizada, em tempo de paz, em guarnições que, na hipótese de agressão, não venham a sofrer diretamente os efeitos do primeiro impacto da invasão, conservando-se no interior, livre para as manobras previstas para expulsão do invasor.

3ª Conclusão :

A Cavalaria que tiver essa missão, terá que fazer grandes deslocamentos em busca do inimigo desembarcado, lutará contra possantes petrechos e possivelmente contra blindados dos mais modernos tipos, por isso, ela própria terá de ser muito moderna, possante e, obviamente blindada, por forma a desencadear de surpresa e, tanto quanto possível, instantaneamente, toda a força da potência de fogo montada nos seus carros.

4ª Conclusão :

Sendo a futura Cavalaria do Nordeste tropa de cobertura, há de estar sempre e a todo momento em pleno estado de alerta e de treinamento. Seguidos exercícios de combinação das armas, realizados em campos de instrução adrede escolhidos, comportando longos deslocamentos e o desencadeamento de toda a gama dos fogos característicos, hão de manter elevada a resistência dos homens e conhecida a eficácia dos materiais, ao mesmo tempo que os quadros realizam a obstinada teimosia de procurar exercitar na paz, todas as situações possíveis da guerra.

5ª Conclusão :

Grande é a responsabilidade atual do 7º Esq. Rec. Mecz., único elemento de Cavalaria no Nordeste, e única tropa mecanizada na região. Cabe-lhe, não pode restar dúvida, preparar reservas para os futuros blindados do Nordeste, mas antes de tudo, cabe-lhe manter erguida, destacadado e ousado o "Pennache" da Cavalaria, sorrindo dos perigos e dificuldades por ventura encontrados na meta a percorrer, mas sempre, e cada vez mais, animado pela ilimitada confiança nos Gloriosos Destinos da Pátria.

* *

Ao Comandante, aos Oficiais, Graduados e Soldados do 7º Esq. Rec. Mecz., um entusiástico "Hurrah!", dos mais sinceros cumprimentos que lhes fazemos ao ensejo da efeméride que hoje transcorre.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Cavalerie Française dans la 1ère Grande Guerre — Gazin — 1926;
- 2) Cavalerie — Salmon — 1926;
- 3) A Guerra da Tríplíce Aliança — Tasso Fragoso;
- 4) História do Brasil — Rocha Pombo — Ed. Centenário;
- 5) El Plan de Guerra y su Comprobation Histórica — J.M. Menendez — 1937;
- 6) Os Sertões — Euclides da Cunha — 1936;
- 7) Geografia do Brasil — Delgado Carvalho — 1937;
- 8) Bandeirantes e Pioneiros — V. Moog;
- 9) L'Armée Moderne — Gen. Maurin — 1938;
- 10) Manual de Campanha "C 2" — E.M.E. — 1947;
- 11) Manual de Campanha "C 17-100" — E.M.E. — 1947;
- 12) War as I Knew it — Patton Jer — 1947;

- | | |
|---|---|
| 13) La Guerre des Blindes — E. Bauer — 1947 ; | 16) Armored Warfare — J.F.C. Fuller ; |
| 14) Crusade in Europe — Eisenhower — 1949 ; | 17) Stratégie Occidentale — Gen. Jacquot — 1953 ; |
| 15) Les Armes d'aujourd'hui et de demain — Vannevar Bush — 1949 ; | 18) A "Defesa Nacional" números 460, 461, 469, 471 e 477. |

**COMPANHIA PROGRESSO INDUSTRIAL
DO BRASIL**

FABRICA BANGU

TECIDOS FINOS

EXIJAM SEMPRE A MARCA



QUE GARANTE:

CÔRES FIRMES, PERFEIÇÃO E DURABILIDADE

O MUNDO DAS FLAMULAS

FLAMULAS E CARTAZES EM GERAL

"Joroal" Publicidades Comércio e Indústria Ltda.

Rua Mariz e Barros, 93 (Sobrado) — End. Telégr. "Joroal" — Telefone : 28-5893

RIO DE JANEIRO